

Jairo de Araújo Souza<sup>1</sup>

Sayonara Amaral de Oliveira<sup>2</sup>

### **Introdução.**

As notícias sobre viagens ao espaço, a exploração de planetas como Marte em nosso sistema solar, vêm há bastante tempo alimentando nosso imaginário das mais diversas formas, desde as missões espaciais históricas feitas por russos e estadunidenses no século XX. O imaginário do gênero literário de ficção científica (doravante *Sci-Fi*) em língua inglesa acompanha este cenário, de forma que não há como ignorar o papel econômico das conjunturas geopolíticas internacionais e o modo como os Estados Nação centrais do sistema capitalista fazem uso do chamado *soft power* para promover não somente questões ideológicas, mas também para fortalecer sua economia e a manutenção de poder geopolítico através de sua indústria cultural em suas áreas estratégicas também citadas frequentemente como sul global.

A produção de revistas (*Pulp magazines*), publicação de livros, adaptações para o cinema, teatro e mais recentemente nos videogames, concorreram para a ampliação e consolidação da literatura *Sci-Fi* como parte de um imaginário mais amplo no qual este gênero se inseriu ao longo do século XX. Um gênero literário capaz de produzir e provocar profundas reflexões críticas sobre o modo como a sociedade capitalista projeta o seu tempo futuro, seja com promessas utópicas ou com alertas distópicos sobre os perigos da vida moderna, envolvendo o desenvolvimento científico e tecnológico para toda uma certa humanidade que compõe o imaginário do chamado Ocidente.

Atualmente, acompanhamos cada vez mais notícias sobre: buracos negros, as imagens de James Webb, o desenvolvimento de inteligência artificial, os avanços da robótica, a atualização do debate acerca da máquina substituindo o trabalho humano e até mesmo do turismo espacial realizado recentemente por um brasileiro com todas as despesas pagas por uma empresa privada. Além disso, há uma propaganda quase incessante de mega bilionários com planos de viagens espaciais, novas tecnologias e a

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB) e professor assistente da Universidade Federal do Acre (UFAC).

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB) e professora titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

colonização do planeta Marte.

Nossa compreensão acerca do espaço sideral, alimentada pela ficção científica, segue sendo produzida por uma forte divulgação sobre a possibilidade de vida fora da Terra e da expansão do “domínio humano” para além deste planeta. São temas que se atualizam a partir de conjunturas geopolíticas e econômicas recentes de nossa história contemporânea, desde a chamada Guerra Fria aos conflitos geopolíticos do século XXI, envolvendo principalmente Estados Unidos, Rússia e China, o que leva-nos a indagar sobre o quanto deste imaginário *Sci-Fi* carrega marcas históricas do imaginário colonial, da visão anacrônica, frequentemente belicosa, e evolucionista dos viajantes europeus ao chamado “Novo Mundo” das Américas e das Áfricas no passado.

### **Pulp Magazines e a emergência da literatura *Sci-Fi* no século XX.**

Ao mesmo tempo que o chamado Ocidente se encantara com as possibilidades dos avanços científicos e tecnológicos desde o século XIX, os europeus, particularmente, encararam um morticínio cruel desvelado por um poder bélico tecnológico nunca experimentado em guerras e conflitos anteriores, conforme se registrou na chamada Grande Guerra (1914-1918) ou Primeira Guerra Mundial. Diante desse cenário, acreditamos que o choque gerado pela guerra tenha aberto maior espaço para as chamadas histórias fantásticas e insólitas, tal qual foi o trauma gerado pela horrível experiência deixada pela Primeira Guerra. Além disso, desde as últimas décadas do século XIX crescia também uma abertura cada vez maior para a ampliação de uma “cultura de massas”, com um aumento significativo do número de leitores por toda a Inglaterra, conforme assinala Adam Roberts:

A criação de uma cultura de massa literária estava ligada à número variado de mudanças de cunho cultural e social que podemos datar do final do século XIX. Na Grã-Bretanha, por exemplo, a Lei da Educação de 1870 ampliou enormemente os níveis de popularidade de jornais, revistas e livros publicados. (ROBERTS, 2016, p. 253)<sup>3</sup>.

No início do século XX, portanto, havia uma demanda de leitura por histórias dos

---

<sup>3</sup> The creation of a mass literary culture was tied to a number of social and cultural changes we can date from the end of the 19th century. In Britain, for instance, the 1870 Education Act enormously widened levels of popular newspaper, magazine and book titles. (ROBERTS, 2016, p. 253, tradução nossa).

mais variados gêneros. Mas, no caso do gênero *Sci-Fi*, havia a demanda, o interesse cada vez maior por temas ligados ao espanto, ao assombro e perigos causados pelas novas tecnologias e avanços científicos de forma concreta. O gênero *Sci-Fi* continha o que de alguma forma daria vazão a uma experiência de leitura tão insólita quanto as experiências vividas por soldados em guerra, o que permitiu que esta literatura, de certa maneira, ganhasse cada vez mais apelo e popularidade, sendo veiculada em *Pulp magazines*.<sup>4</sup> Vale ressaltar que o custo de uma *Pulp magazine* era inferior ao preço de um romance publicado por uma grande editora britânica ou estadunidense e cuja produção estava invariavelmente disponível apenas em livrarias de grandes cidades, distante, portanto, da maior parte da população.

Claramente, os anos de 1920 foram os verdadeiros Anos Dourados das Pulps. Sob uma fundação sólida, as Pulps estavam prontas quando os veteranos voltaram para casa e não somente queriam, mas mereciam um “*break*” dos anos brutais de batalhas nas trincheiras. Eles queriam se divertir e os loucos anos 20 proporcionaram isso com estilo. (ATHANS, 2021)<sup>5</sup>.

Houve um crescimento maior em vendas de revistas que abordavam temas insólitos como invasões extraterrestres, máquinas voadoras capazes de alcançar velocidades e alturas jamais atingidas antes, histórias de aventuras que contavam com elementos que muitas vezes dialogavam com histórias de suspense, terror e mistérios. Histórias essas também se relacionavam a todo um repertório imaginativo ligado a questões bélicas de invasão, conquista, processos de destruição e aniquilação em massa, pandemias, visões distópicas e apocalípticas de futuro, invariavelmente atrelados ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia com horizontes de assombro, medo e ressentimento, mas também de possibilidades sem fronteiras para a ampliação do conhecimento na modernidade. Trata-se de questões existenciais advindas das contradições de um mundo moderno e narrado hegemonicamente como “desenvolvido”, mas que precisava lidar, ao mesmo tempo, com um luto inimaginável recente de milhares de jovens mortos em guerras em tão pouco tempo. Isso contribuía para, em certa medida, colocar em suspensão ou dúvida a própria

---

<sup>4</sup> O termo “Pulp” ou *revistas pulp* designam as revistas lançadas no início de 1900 que eram impressas em papel barato e eram de baixo custo na produção.

<sup>5</sup> Clearly the 1920s was the real Golden Age of pulps. With a solid foundation under it, pulps were ready when World War I veterans came home and not only wanted but deserved a break from years of brutal trench warfare. They wanted to have fun, and the Roaring 20s delivered in style. (ATHANS, 2021, tradução nossa).

Razão, tão cara ao discurso da ciência e dos valores morais e éticos das sociedades burguesas, quando ao mesmo tempo impulsionava um mercado editorial de revistas e livros do gênero.

A popularização das chamadas *Pulp Fiction Magazines* estava diretamente ligada ao contexto de guerra pelo qual o mundo europeu passou na primeira metade do século. Tal contexto propiciou, em larga medida, o encontro do gênero *Sci-Fi* com uma demanda de mercado que se apresentava muito promissora, o que, de certa forma, lançou as bases para uma literatura *Sci-Fi* mais consolidada nas décadas que seguiram às duas grandes guerras da primeira metade do Século XX.

Uma das capas da revista *Amazing Stories*<sup>6</sup>, em edição publicada em agosto de 1927, faz uma referência direta ao livro de H.G. Wells, *Guerra dos Mundos* (1897), com a imagem de naves alienígenas invadindo a cidade de Londres. A revista também trazia histórias de outros autores, já que uma das características das *Pulp Magazines* era também publicar histórias de diferentes autores do gênero em uma mesma edição. Vale ressaltar que a *Guerra dos Mundos* de Wells fora lançada primeiramente no formato de *Pulp Magazine* para somente um ano depois, em 1898, ter sido publicada como um romance. Autores hoje consagrados como Ray Bradbury e Isaac Asimov também tiveram suas primeiras histórias publicadas em *Pulp Magazines* antes de serem lançadas no formato de livro. Obras como *Eu, Robô* (ASIMOV, 1950) e *As Crônicas Marcianas* (BRADBURY, 1950) se configuram como uma coletânea de contos com temáticas específicas que foram adaptadas para o formato de romance.

A *Amazing Stories Magazine* foi criada em 1926 por Hugo Gernsback, considerado até hoje um dos maiores impulsionadores da popularização do gênero *Sci-Fi*; sua revista teve vida longa só deixando de ser publicada em 2005. Desde o surgimento da *Amazing Stories*, muitas outras revistas *Sci-Fi* também foram publicadas e se mantêm até os dias de hoje, já que, ao longo do século XX, a popularidade deste gênero se ampliou junto ao mercado de outros países da órbita geopolítica cultural dos países de língua inglesa, com desdobramentos e influência na produção e adaptação de suas obras para uma rede de produção midiática cada vez mais diversificada (rádio, cinema e TV); o que não foi diferente com o surgimento e a popularização dos videogames, da internet e todo o seu mundo digital da atualidade.

A literatura *Sci-Fi* tem um mercado garantido no imaginário do mundo moderno.

---

<sup>6</sup> Capa da revista disponível em <https://comics.ha.com/itm/pulps/science-fiction/amazing-stories-august-1927-ziff-davis-condition-fn-/a/40173-81014.s>

Haja vista muitas das produções literárias que tiveram suas adaptações para o cinema no século XX seguem sendo revisitadas e readaptadas midiaticamente para os formatos de *streaming* em plataformas de filmes com um vasto leque de obras filmicas inspiradas no gênero *Sci-Fi*. Em outras palavras, da publicação de *Guerra dos Mundos* (1898), de H.G. Wells, passando ainda pelo clássico de Sir Conan Doyle, *O Mundo Perdido* (1912) às produções filmicas como *Avatar* (2008-2022), o imaginário secular, futurista e tecnológico do mundo *Sci-Fi* segue fortalecido.

O que consideramos ser a base de um imaginário da literatura *Sci-Fi*, e que neste breve artigo caracterizamos como colonialista, bélico e secular, estabeleceu-se fundamentalmente com os processos de colonização das Américas e das Áfricas a partir do século XVI. Um imaginário portador de uma subjetividade que carrega em seu discurso o poder de narrar, de (re) nomear e de inventar gentes e lugares. A partir de suas próprias narrativas, o pensamento colonizador agiu de modo a forjar um “Outro” imaginado, mas naturalizado e racializado, tido como inferior nos processos da colonização histórica. Esta é uma marca recorrente do imaginário presente nas narrativas e obras da literatura *Sci-Fi*, a marca do colonialismo histórico.

### **A ascensão das máquinas como valor estético e político: euforia e medo**

Após as duas Grandes Guerras, o mundo ocidental ingressou na chamada Guerra-Fria (1945-1989), quando duas potências mundiais Estados Unidos e União Soviética protagonizaram uma “guerra sem bombas”, mas marcada por uma forte tensão da iminência de um conflito nuclear. E assim permaneceu no horizonte a possibilidade dos horrores de Hiroshima e Nagasaki serem levados ao mundo todo. Paralelamente, ao longo do período, acontece uma corrida espacial científica e tecnológica, particularmente mais intensa com a crise dos mísseis em Cuba (1962) e com a primeira viagem tripulada à Lua (1969).

O imaginário bélico que emergiu na primeira metade do século XX a partir de duas grandes “guerras quentes” se manteve na chamada Guerra-Fria, com mais desdobramentos a partir de novos avanços científicos e tecnológicos, incluindo as bombas atômicas, que influenciaram também em grande medida a produção do gênero *Sci-Fi*, quando, de certa forma, mantém-se ainda hoje a ameaça de uma hecatombe nuclear. O imaginário colonialista está invariavelmente envolvido pela ideia de fim de mundo. Arriscamos aqui

afirmar que reside neste aspecto uma forte marca da cultura judaico-cristã e uma leitura apocalíptica de nossas existências. Mark Fisher, crítico literário inglês, fez famosa a afirmação de que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” em seu livro *Realismo Capitalista*, numa crítica direta à nossa dificuldade de encontrar saídas diante do modelo neoliberal e de financeirização da vida e do mundo.

Além disso, no campo midiático e das telecomunicações, a popularização da televisão e do rádio já anunciavam, ao longo do século passado, a aproximação de um cotidiano que muito em breve seria cada vez mais eletrônico e digital. Nas palavras de Franco Berardi, “o século XX foi o século que acreditou no futuro”, quando se foi capaz de imaginar e projetar um mundo futuro com muita euforia, como no *cartoon* animado de *Os Jetsons*<sup>7</sup> (1962), mas também de futuros distópicos, como na adaptação para o cinema da obra de Phillip K. Dick, *Androides sonham com ovelhas elétricas?* (1968), que resultou no filme *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott.

De fato, até pelo menos 1968, o futuro era imaginado de forma eufórica. Apesar das tragédias, das guerras e dos inúmeros massacres, o sentimento que imperava no *Novecentos* era de fé na realização final da razão. Tomando muitas formas – justiça social, afirmação nacional, democracia liberal, perfeição tecnológica –, o horizonte parecia brilhante, mesmo que o caminho até o futuro fosse pavimentado com sofrimento, miséria, dificuldades e luto inimagináveis (BERARDI, 2019, p. 07).

Seguindo na trilha de Franco Berardi acerca das máquinas como elemento importante da construção do mundo moderno e de seu imaginário, propomos aqui uma breve reflexão a partir da obra *Eu, Robô* de Isaac Asimov. Neste livro, Asimov nos conta de uma sociedade governada por máquinas. Em um diálogo entre as personagens Dra. Susan e seu amigo Stephen, os dois conversam sobre o fato de que até então todas as dificuldades vividas pela humanidade foram conflitos evitáveis e sugerem que as máquinas representariam uma etapa da existência humana e que a sua ascensão seria algo inevitável, já que, no contexto daquela narrativa, ninguém mais conheceria os humanos tão bem quanto as máquinas.

O pensamento de Franco Berardi se aproxima da problemática apresentada no livro de Asimov, ao apontar para o fato de que, no século XX,

---

<sup>7</sup> Série de desenho animado criada por William Hanna e Joseph Barbera, que estreou na TV estadunidense em setembro de 1962 pelo canal de TV ABC nos Estados Unidos da América. A série ilustra com humor um mundo futuro quase totalmente automatizado, com carros voadores, robôs domésticos e esteiras no lugar de calçadas, em uma cidade flutuante, distante do solo terrestre.

[a] máquina está no centro do mundo imaginário futurista. Trata-se da Máquina Externa, a máquina pesada, ferruginosa e volumosa, que não deve ser confundida com a máquina interna e reprogramável de nossa época bioinformática, a nova época que se inicia após o final do século que acreditou no futuro. (BERARDI, 2019, p. 15).

Nesse sentido, o texto de Asimov já apontava para essa transformação das máquinas, que deixam de ser um elemento externo a nós e passam a exercer uma presença bioinformática em todos os corpos, configurando uma organização e controle social cada vez mais robóticos entre humanos e máquinas, no século XXI. A presença das máquinas veicula o imaginário colonizador à medida que as máquinas, na maneira como temos nos relacionado até hoje, representam a manutenção de um modo alienante de relação com a tecnologia, um modo instrumental e reduzido ao nível de consumo, em que os humanos cada vez mais perdem de forma coletiva o poder de participar de um modo criativo da produção técnica e científica, que se reduz aos ditames e monopólio de um corpo especializado, de um mercado, proprietário e corporativo, representante de um pensamento hegemônico, fundador histórico, em larga medida, da crença de uma “trilha inevitável, missionária e civilizacional”, e que portanto, não pode ser pensada de outra forma. A compreensão das máquinas como parte deste imaginário colonizador é reforçada com a leitura de obras de autores como Asimov, que, mesmo com suas profundas reflexões e provocações sobre a nossa relação com os avanços tecnológicos e da ciência, acabam por reiterar, em larga medida, a noção de uma inevitabilidade ou impossibilidade de “deter” os caminhos que uma certa humanidade trilhará como destino futuro.

### **Algumas considerações**

O imaginário belicista do gênero *Sci-Fi* está diretamente ligado aos momentos históricos das grandes guerras, da Guerra Fria e aos desdobramentos decorrentes dos avanços da ciência e das tecnologias. Nesse sentido, acreditamos que a conjuntura histórica geopolítica do chamado mundo ocidental foi determinante para o crescimento e consolidação do gênero literário de ficção científica, um gênero literário que ao mesmo tempo que se nutre de um imaginário belicista e recorrentemente colonial, abre espaço para um exercício crítico sobre a condição humana diante da manutenção histórica de um sistema econômico e cultural, o do Capital.

Finalmente, gostaríamos de apontar algumas direções como desdobramentos de nossa pesquisa em andamento, já que entendemos que o que chamamos de emergência de um imaginário literário *Sci-Fi* esteja intimamente ligado aos próprios modos como nos relacionamos com a produção técnica do conhecimento, bem como nos relacionamos socialmente com as invenções no campo tecnológico e científico e, ainda, pela forma como as condições para esta relação permanecem estabelecidas. A esse respeito, destacamos o comentário de Sérgio Amadeu da Silveira:

O filósofo Gilbert Simondon apresentou o conceito de alienação técnica para mostrar o grande equívoco constante na recusa de ver a tecnologia como expressão da cultura. É difícil encontrar uma sociedade que não crie, invente e adote objetos técnicos em seu cotidiano. As técnicas e as tecnologias integram nossa existência social e negar que sejam elementos cruciais de estruturação da vida coletiva faz parte dessa alienação. Milton Santos nos ensinou que “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica”, mas também constatou que na maioria das vezes tal premissa era desconsiderada (SILVEIRA, 2021).

Esta alienação técnica pode representar também os perigos de nosso distanciamento e falta de participação cada vez maior dos processos de desenvolvimento tecnológico e da produção das máquinas e, portanto, acreditamos que nosso momento histórico seja profícuo para um enfrentamento crítico de um imaginário colonialista, que tende a reproduzir uma relação alienada com o mundo, reduzindo-a também a fins utilitaristas e de consumo. De forma muito recorrente, uma máquina ou aparato tecnológico surge na narrativa literária *Sci-Fi* como uma ameaça ou, ainda, um extraterrestre que se alterna entre o papel de invasor ou redentor nas narrativas deste gênero. Mantém-se o imaginário colonial, um discurso de invasão, conquista e escravização, um imaginário bélico ocidentalizado.

Na trilha da proposta deste evento da ABRALIC, na construção de um mundo comum, alguns movimentos dentro do gênero *Sci-Fi* como o Afrofuturismo, o Futurismo Indígena e o Amazofuturismo parecem fornecer elementos críticos para tal enfrentamento e superação de um imaginário colonizador e de nossa colonialidade histórica. No recorte de nossa pesquisa, em fase inicial, pretendemos investigar mais especificamente o chamado Amazofuturismo, a sua produção literária e crítica.

## REFERÊNCIAS

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. Tradução de Aline Storto Pereira. São Paulo: Aleph, 2014.

ATHANS, Phillip. A brief history of Pulp Fiction. **Fantasy Handbook**. 23 fev. 2021. Disponível em: <https://fantasyhandbook.wordpress.com/2021/02/23/a-brief-history-of-pulp-fiction/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BRADBURY, Ray. **As crônicas marcianas**. Tradução de Ana Ban. 2 ed. São Paulo: Globo, 2013.

CONAN DOYLE, Arthur (1859-1930). **O mundo perdido**. Arthur Conan Doyle. Tradução: Samir Machado de Machado. São Paulo: Todavia, 1ª edição, 2018, 296 páginas.

DICK, Phillip K. **Androides sonham com ovelhas eletrônicas?** Tradução de Ronaldo Bressane. São Paulo: Editora Aleph, 2014.

FERNANDES, Cláudio. Primeira Guerra Mundial: a Grande Guerra. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/primeira-guerra-mundial.htm>. Acesso em: 26 ago. 2022.

GÜTHER, Marcela. Pulp Magazine: uma alavanca para a ficção científica. **Homo Literatus**. 4 mar. 2015. Disponível em: <https://homoliteratus.com/pulp-magazine-uma-alavanca-para-a-ficcao-cientifica/?cn-reloaded=1> . Acesso em: 27 ago. 2022.

LIMA, Gabriel Cardozo de. Distopias da Guerra Fria: notas introdutórias a partir da obra de Phillip K. Dick. **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, Rio de Janeiro, 8 (1), 2021.

LORRAN, Lucas. COELHO, Mauricio. **Amazofuturismo**. Revista Tricerata. Vol.01, Nº 02. Dezembro, 2020.

PIETRO, Rogério. **Amazofuturo: histórias amazofuturistas**. Rogério Pietro (Org.) Editora Cyberus, 2022.

RIEDER, John. **Colonialism and the emergence of Science fiction**. Middletown, US: University Press, 2008.

ROBERTS, ADAM. **The history of science fiction**. Palgrave Histories of Literature (ebook). 2 ed. London, UK: Palgrave MacMillan publishing, 2016.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Pegasus**. A Terra é redonda, 2021. Disponível em:

<https://aterraeredonda.com.br/pegasus/> Acesso em 11/07/2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. SOUZA, Joyce. CASSINO, João Francisco (Orgs).

**Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal** /

Organizadores: Sergio Amadeu da Silveira, Joyce Souza, João Francisco Cassino – São Paulo, SP: Autonomía Literária, 2021.

SIMONDON, Gilbert, 1924-1989. **Do modo de existência dos objetos técnicos** / Gilbert

Simondon ; tradução Vera Ribeiro – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

WELLS, H.G. **A guerra dos mundos**. Tradução de Livia Bono. São Paulo: Pé da Letra, 2019.